



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

*International Journal of Development Research*  
Vol. 09, Issue, 06, pp.28090-28098, June 2019



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## CARTOGRAFIAS -PISTAS, PAISAGENS, VAZÕES: ATUALIZAÇÕES DA PRÁXIS POLÍTICO-PEDAGÓGICA EM PAULO FREIRE NA PAISAGEM PSICOSSOCIAL DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

\*<sup>1</sup>GeamKarlo-Gomes, <sup>2</sup>Ivanildo Alves de Almeida and <sup>3</sup>Kleber Ferreira Costa

<sup>1</sup>Doutor e Mestre em Teoria da Literatura e Interculturalidade – Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campina Grande, Professor colaborador do Programa de Pós-graduação e Formação de Professores em Práticas Interdisciplinares – PPGFPPI, Professor no Colegiado de Letras – UPE *Campus* Petrolina.

<sup>2</sup>Mestre em Pesquisa e Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação- PPGE/UFES-Universidade Federal do Espírito Santo, (2004) e Master in Pedagogist nel'ambito Sociale, Penale e di Prevenzione della Devianza – Università degli Studi di Padova – UNPD (Italia, 2006). Professor no colegiado de Pedagogia – UPE *campus* Petrolina

<sup>3</sup>Mestre em Linguagem e Ensino – UFCG, Professor no colegiado de Letras – UPE *campus* Petrolina

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 14<sup>th</sup> March, 2019  
Received in revised form  
05<sup>th</sup> April, 2019  
Accepted 27<sup>th</sup> May, 2019  
Published online 30<sup>th</sup> June, 2019

#### Key Words:

Paulo Freire,  
Cartography,  
Political-pedagogical praxis,  
Popular Education, Interculturality.

### ABSTRACT

This article results from a bibliographical and field research in the life / work of Paulo Freire, educator-politician, and aims to explain the construction of cartographies starting from his political-pedagogical praxis in educational experiences experienced by him in Brazil / world, from exile in 1964 to 1997. This writing sought to understand clues, passages and flows - mechanisms / triggers proper to the practice of cartography as research - in the contemporary updates of his work, referenced in the context of critical pedagogy that made him recognized as one of the most important pedagogues of the century XX, being the third most cited theoretician in the context of human sciences in teaching programs in English-speaking universities, according to the 2018 certificate ranking, denoting the degree of reach of his work and the pertinence of the interculturality contained therein. The research deals with the importance of the process of adult literacy in the context of popular education, which inserted it in the international scientific community, also looking at the expansion of discussions related to educational experiences coordinated by Juazeiro / BA in 1983, permeated by specific gnosiological situations for a popular education marked by interculturality.

Copyright © 2019, GeamKarlo-Gomes et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: GeamKarlo-Gomes, Ivanildo Alves de Almeida and Kleber Ferreira Costa, 2019. "Cartografias -Pistas, paisagens, vazões: atualizações da práxis político-pedagógica em Paulo Freire na paisagem psicossocial da educação contemporânea", *International Journal of Development Research*, 09, (06), 28090-28098.

### INTRODUCTION

Este artigo aborda um processo de investigação e pesquisa que se desenvolveu a partir da escrita de um livro de igual título ainda não publicado, cujo objetivo é provocar os novos formadores em processo de formação no curso de pedagogia, no sentido de encorajá-los a empreender cartografia(s) na vida/obra de Paulo Freire (1921-1997), educador-político, intelectual brasileiro, cujo nome foi se inscrevendo na história das ideias pedagógicas no Brasil/mundo, a partir da segunda metade do século XX, contemporaneamente referenciado como

#### \*Corresponding author: GeamKarlo-Gomes,

Doutor e Mestre em Teoria da Literatura e Interculturalidade – Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campina Grande, Professor colaborador do Programa de Pós-graduação e Formação de Professores em Práticas Interdisciplinares – PPGFPPI, Professor no Colegiado de Letras – UPE *Campus* Petrolina.

atesta o ranking das universidades em língua inglesa de 2018, que inclui Estados Unidos, Inglaterra, Escócia, Irlanda, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, dentre outros países, que o coloca como o terceiro autor mais citado no contexto das ciências humanas, à frente de ilustres acadêmicos, cientistas, pensadores e filósofos contemporâneos, considerados cânones em suas áreas de produção de conhecimento científico, como Michel Foucault e Sigmund Freud. Ao mesmo tempo, objetivou-se produzir uma anotação como documentação científica acerca das atualizações que se foram observando em sua importante obra, dadas as particularidades e especificidades dessa, que acompanha as paisagens educativas no Brasil/mundo, sem apresentar-se de maneira datada, revelando sua atemporalidade/contemporaneidade. Sua obra foi a terceira mais citada nas ementas de programas de ensino por professores das referidas

universidades, o que revela a pertinência de sua vida/obra para além do Brasil, dedicada à educação popular e universitária, assim como a abrangência, fecundidade e o grau de alcance dessas, desde o exórdio de sua *Pedagogia do oprimido*, escrita em 1968. Decorridos cinquenta e um anos desta publicação, Paulo Freire notabilizou-se como intelectual respeitável no âmbito das humanidades, sendo estudado e reverenciado pela comunidade científica mundo afora. Seus trabalhos pedagógicos, em paisagens psicossociais muito diversas, desenvolvidos em sua maioria em ambiências não escolares, destoantes do ponto de vista da escola formal, já desde suas primeiras experiências no Brasil com a alfabetização de adultos, são característicos de sua opção por um percurso construído a partir da educação popular, até seus novos olhares e novas experiências em seu processo de re-aprendizagem do Brasil, quando do retorno do exílio imposto pela ditadura militar de 1964-1985, que o fez “andarilhar/perambular” pelo País de Norte a Sul - sem deixar de viajar pelo mundo, em permanente diálogo e reflexão, para as quais era frequentemente convidado - desde que havia deixado “como lugar/problema de trabalho”, em sua longa experiência à frente do Conselho Mundial de Igrejas-CMI, por dez anos, em Genebra, Suíça, coordenando o Setor de Educação nesta instituição de caráter marcadamente ecumênico, que o projetou para o mundo inteiro, tornando-o conhecido e estudado pela comunidade científica. (FREIRE1, 2017).

**Por uma Pedagogia Crítica:** Denotando riqueza em sua práxis educativa ao colocar o paradigma da educação classista em xeque com seu livro-raiz, como diriam Deleuze e Guattari (1995), *Pedagogia do oprimido*, se configurou em platô de referências, revelando um colonialismo característico no século XX, em sua escrita reflexiva acerca do Brasil e América Latina, e, posteriormente, estendendo-se aos países da África lusófona, com os quais colaborou, além de ter atuado - a partir do CMI - em todos os continentes do planeta. A pedagogia crítica tem em Freire um ícone reconhecido internacionalmente, que se contrapõe ao sistema capitalístico contemporâneo quanto às políticas públicas de educação, abordando o tema da opressão com profundidade em toda sua obra, que se apresenta imiscuída de sua própria história de vida. Profícuo na leitura e escrita desde a adolescência, Freire deixou como educador-político, pedagogo, filósofo e epistemólogo da educação um legado, um patrimônio cultural para a humanidade, reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura-UNESCO, assim como para os povos com os quais, de alguma maneira, ele trabalhou ou foi por eles trabalhado como aporte teórico e/ou assessoramento, denotando sua atuação em diversas situações no campo da educação, fundamentando sua teoria. (FREIRE1, 2017.).

No retorno do exílio involuntário de dezesseis anos ao Brasil, após “perambular” pelo mundo, Freire já era um “cidadão” desse desde o início dos anos 1970, tendo trabalhado em vários países da América Latina, dos quais o Chile fora reputado por ele com muito importante, principalmente pela oportunidade de trabalhar, ao mesmo tempo, a relação educação popular e reforma agrária. E ter trabalhado, em igual período, a serviço da UNESCO, em diversos países da América Latina, à exceção do Brasil, cujo estado ditatorial o considerara *persona non gratae* nos Estados Unidos, na Harvard University (em 1967 e 1969, em seminários de períodos curtos e, em 1970, por um ano completo como professor), tendo sido lá “apropriado” por parte

importante dos movimentos sociais, quando da luta pelos direitos civis e urbanos do final dos anos 1960/inícios dos anos 1970, tendo sua *Pedagogia do Oprimido* lá publicada, em 1970. A obra de Freire não se apresenta de maneira datada: sua vigorosa escrita se atualiza e se renova mundo afora, renovando-se em reedições de sua obra em diversas línguas e países, bem à moda da lendária expressão carregada de uma “recifencidade” (expressão que remete ao sentimento de pertencimento à Recife, sua cidade natal, no Nordeste, Estado de Pernambuco), que ficou famosa no Brasil: *Pernambuco falando para o mundo*, a partir do jingle utilizado pela *Rádio Jornal do Comércio* do Recife, como símbolo de sua potência e grau de alcance, um clichê da grandiosidade do “Leão do Norte”, o Estado de Pernambuco; “recifencidade”, termo criado por Freire, quer dizer do amor por sua terra, seu chão, seu lugar, de onde brotaram suas referências/experiências fundantes para sua práxis pedagógica revolucionária. É a partir das definições pensadas por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) e do agenciamento inicial disparado pela pesquisadora-cartógrafa Suely Rolnik em seu trabalho em parceria, na reflexão e escrita no Brasil do início dos anos 1980 com Félix Guattari - *Micropolíticas - cartografias do desejo* (1989) - cujos desdobramentos acabaram por disseminar nestas plagas a cartografia como nova possibilidade na pesquisa em humanidades, no campo da psicologia e da educação, a partir do trabalho da referida pesquisadora na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC/SP.

O desejo de empreender cartografias em Paulo Freire intencionou fazer emergir passagens e pistas, além daquilo que a cartografia chama de “vazões”, a partir de sua vida/obra, aqui tomadas como imiscuídas, inseparáveis, para refletir quanto ao “pedagogo por excelência do século XX” (SOUZA, 2003, p. 69.), como Freire se notabilizou na comunidade científica internacional. Ressalta-se que *Pedagogia do oprimido*, seu livro-raiz - como diriam Deleuze e Guattari - só foi publicado no Brasil em 1974: suas primeiras leituras no Brasil se davam por contrabando de uma edição publicada na Argentina em 1973. Paulo Freire preferia definir sua práxis como uma “certa compreensão ético-crítica-política da educação”, tal qual em *Cartas a Cristina - Reflexões sobre minha vida e minha práxis* (FREIRE, 2015.), considerada autobiográfica, embasada no diálogo e essencialmente favorecedora de processos de conscientização do sujeito frente ao mundo, objetivando formar cidadãos no contexto de uma práxis progressista, visando atingir transformações sociais e econômicas na paisagem psicossocial dos educandos, primeiramente, naquelas experiências vividas no Recife, que ele considerou como “fundantes” de sua obra, além de desejar responder criticamente à política injusta da educação para as massas, em seu aspecto quanto à modernidade/colonialidade que se arraigou e caracteriza uma “modernidade tardia” marcadamente presente na América Latina, ainda, que também caracteriza a educação brasileira até os dias atuais. (FREIRE, 2017.).

Freire já havia sido publicado anteriormente no Brasil com sua obra *Educação como prática da liberdade* (FREIRE, 1969.), que ele reescreveu no exílio chileno (de 20 de novembro de 1964 a abril de 1969), a partir de sua primeira obra publicada - como “edição do autor”, originalmente intitulada *Educação e atualidade brasileira*, em 1959, no Recife - sua tese para o concurso da Cátedra de História e Filosofia da Educação para a Escola de Belas Artes da Universidade do Recife, à época (UFPE, hoje), depois republicada no Brasil em 2001 em edição

comentada. (FREIRE, 2003.). Já em *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire enfrentou problemas por conta desta obra, no Chile, optando pela publicação em inglês (Nova York, 1970): nela esmiuçou as relações de opressão na estrutura e organização de nossa sociedade colonialista-capitalística em seus efeitos no acesso à educação, propondo diferentes possibilidades de mudanças, visando transformações sociais, notadamente no campo da alfabetização, da educação de adultos e na permanente educação ao longo da vida, além da configuração do que se convencionou chamar, a partir de então, no Brasil, de educação popular. Engajado pedagogicamente e socialmente, este livro-raiz de Freire o catapultou como referência na história da educação e da cultura no Brasil, revelando-o para o mundo, literalmente. (IBIDEM, 2003). A *Pedagogia do oprimido* foi considerada imprescindível para que Freire passasse a ser referenciado internacionalmente como pedagogo e, a partir de seu exílio e trabalhos educacionais no Chile/América Latina e Estados Unidos, “espalhou-se” pelo mundo, tendo sido traduzido e publicado em vários países europeus, entre tantas outras publicações mundo afora. Advogado de formação, Paulo Freire se fez educador por necessidade, pedagogo por afinidade e filósofo e epistemólogo da educação por consciência do pesquisador que fora. Ao decidir não atuar com o Direito, abraçou a docência e a educação para nunca mais largá-la, influenciado por sua primeira mulher, Elza Freire, também professora-alfabetizadora na rede pública do Estado de Pernambuco que, entre outras inovações, trouxe para a educação fundamental, na segunda metade dos anos 1950, a importância da arte-educação e participou ativamente de sua produção intelectual desde os começos, inclusive influenciando-o a largar o Direito e assumir a docência como consciência/profissão, como explica Ana Maria Araújo Freire – sua segunda mulher, também professora, sua interlocução mais frequente nos últimos anos de sua vida - em *Paulo Freire, uma história de vida* (2017) e Nima Spigolon (2009) em *Elza Freire, uma vida que faz educação*. Elza faleceu em 1986, deixando Freire abatido.

Propriamente, Paulo Freire é aquilo que a prática da cartografia considera/deseja como um “prato cheio”: um protagonista em constante ação em distintas paisagens psicossociais no contexto da educação, nas quais tempos, lugares, desafios, pessoas, situações, ações, transformações, reconfigurações e mundos diferentes se entrecruzaram, das quais podemos nos utilizar para revelar/desvelar pistas, observar vazões, sublinhando essencialmente esta especificidade que nele é divergente, contestando a ideia de que “a realidade” se presta a ser plasmada, decalcada, tal qual está preconizado no cerne da perspectiva metodológica positivista-quantitativista. Não estando atado a modelagens e modulagens pré-estabelecidas, a reflexão freireana em muito converge com vários sentidos e significados prospectados dentre os principais pressupostos metodológicos que são muito caros à cartografia como metodologia de pesquisa, conforme Rolnik (2007), Passos, Kastrup e Escóssia (2012), Fonseca e Kirst (2003) e Maria Elizabeth Barros de Barros (1995). Argumenta-se neste artigo que é cabível enxergar em Paulo Freire uma faceta como pesquisador-cartógrafo, e tratar, à luz de sua vida/obra, marcas indeléveis construídas por ele em seu périplo como educador no Brasil e no mundo até sua morte em 1997, no estado de São Paulo, quando atuou intensamente como docente universitário, conferencista (dentro e fora do Brasil), sempre engajado politicamente e escrevendo – muito em parceria com colegas de trabalho e colaboradores, mundo

afora -sempre sublinhando que olhar o passado de uma perspectiva não saudosista o impregnava de novos sentidos e significados, recusando o saudosismo. As jornadas pedagógicas vivenciadas por Freire ao longo de sua existência foram marcadas pela construção coletiva, inclusive por sua reconhecida habilidade de comunicação e extensão, no sentido de não produzir para “o povo”, mas com o povo, como está claro em sua obra *Extensão ou Comunicação?* (1977). Enxergar o pesquisador-cartógrafo-em-Paulo-Freire em nada significa “forçar a barra” para enquadrá-lo inadvertidamente na(s) cartografia(s) social(is): ele aborda, também, a esquizofrenia capitalística em sua pedagogia crítica, e se constitui, ele próprio, um campo de conhecimento: a concepção pedagógica “freireana” pode ser, também, compreendida com rizomática: suas proposições de novas formas de abordagem/reflexão/construção de mapeamentos nas realidades circundantes, para poder criar agenciamentos novos e com vistas a enunciar novas interpretações para as paisagens psicossociais contemporâneas, notadamente, as da educação, que convergem para a educação popular e para uma educação das classes oprimidas - em constantes modificações, como num terreno movediço, no qual aparições e desaparecimentos se dão, nunca de maneira naturalista ou desentendida, permeadas pela intenção escancarada pelo controle do conhecimento e pelo saber-poder, conforme Suely Rolnik (2007). Quem melhor do que Paulo Freire refletiu, propôs e vivenciou uma práxis deliberadamente a favor da educação popular como um direito universal das massas, contestando a perspectiva capitalística da educação?.

Freire declarou-se “um Gramsci dos pobres”, como gostava de referir-se ao filósofo italiano, marxista, filólogo, teórico da educação, secretário do Partido Comunista Italiano na Internacional Comunista de 1917, que sistematizou a contra-hegemonia como resposta das classes ditas subalternas às classes dominantes, no contexto da sociedade italiana, ao propor a formação dos *intelectuais orgânicos* no interior das classes trabalhadora, propondo uma *escola* que não arremedava a *escola da elite*, mas, sim, estava montada na qualidade e criticidade do conhecimento como capital cultural. Freire enxergou em Antônio Gramsci (1891-1937), cuja obra ele ajudou a difundir no Brasil nos anos 1980, muito do que havia estudado em Direito, na obra *Princípios da Ciência Nova*, de Giambattista Vico (1668-1744, também italiano, advogado, amante dos livros e professor), que influenciara Gramsci, por sua vez, conforme nos informam Roque (in Vico, 2008.) e Scocuglia (in Lima e Rosas, 2006.).

Em 1979, em sua primeira viagem de volta ao Brasil, antes do retorno definitivo, após a publicação da Lei da Anistia, Ampla, Geral e Irrestrita, Freire encontra um país em processo de redemocratização e torna-se signatário da fundação do Partido dos Trabalhadores-PT, considerando que ele estava organizado a partir dos movimentos sociais rurais e urbanos que resistiram à ditadura, entusiasmado ao ver que o PT abraçara uma de suas ideias fundamentais, a “organização popular”, quando cogitou atuar politicamente na alta câmara (Senado) na Assembleia Nacional Constituinte (1997-1998) e, depois, em 1989, fora cogitado como vice-presidente com Lula: tais situações não se configuraram dadas as coligações partidárias, o que o desagradou. Freire considerou importante eticamente declarar seu credo político, colocando-se à esquerda, atuando, além da docência na Pós-graduação em Educação/Currículo na Pontifícia Universidade Católica-PUC/São Paulo, no Instituto Cajamar- INCA (fundado em 1986), tendo sido um de seus

fundadores e primeiro presidente do Conselho Diretivo, abrigoando neste espaço experiências/atividades com diversos educadores populares do CEAAL (Conselho de Educação de Adultos da América Latina, fundada no início dos anos 1980) do qual também foi seu primeiro presidente;foi membro do Grupo Mulher Educação Indígena; Secretário de Educação do Município de São Paulo na gestão de Luiza Erundina (do PT, de 1989 a 1991), revolucionando o modelo de gestão, sem observar um dia de greve; membro do Júri Internacional da UNESCO para escolha dos melhores projetos de alfabetização dos cinco continente, sempre recusando-se a ser seu presidente. E viajou intensamente pelo Brasil, atendendo a convites, principalmente de jovens estudantes universitários, professores, sindicalistas e como paraninfo de formaturas. Numa de suas incursões pelo interior do Brasil, em 1983, esteve em Juazeiro de Bahia para uma semana intensa e vigorosa de trabalho com os educadores/animadores-sociais, no território da Diocese de Juazeiro/BA, a convite de Dom José Rodrigues de Souza, conhecido como o *Bispo dos excluídos*, o *Bispo Vermelho*, que, como Freire, em função de suas opções preferenciais pelos pobres e oprimidos em seus trabalhos, foram tachados com a pecha de comunistas. Quanto a este aspecto político, Freire não deixou dúvidas: nunca fora comunista, essencialmente por sua forte formação cristã, no entanto, reiteradas vezes, colocou-se como “marxizante”, não como comunista-marxista, colocando-se próximo das ideias de Antônio Gramsci, a quem já nos referimos nesta escrita. A pecha de comunista lhe acompanhara desde os anos 1960, quando a direita política anunciava que a “revolução comunista” no Brasil se daria a partir da Região Nordeste, na qual se desenvolveram as famosas experiências freireanas de alfabetização e na educação popular, a partir de seu trabalho de extensão na UR e que resultaram nas experiências alfabetizadoras no Recife, em João Pessoa, Natal e Angicos, esta última tendo sido a base para a implantação do Plano Nacional de Alfabetização, em janeiro de 1964, encerrado com o golpe civil-militar em abril do mesmo ano. Havia o medo da direita política de que, influenciados pelo sucesso da Revolução Cubana (1958), os nordestinos fizessem a revolução, capitaneados por Freire e pelo presidente João Goulart, considerado comunista pela oligarquia política reinante.

É também sobre a ainda pouco difundida *A Experiência de Abril de 1983*, vivenciada em Juazeiro/BA com Paulo Freire que o professor/pesquisador Luiz Gonzaga Gonçalves (2014), nos fala, revelando uma entrevista com Freire escavada naquele momento e ao descrever a forma como Freire trabalhou com os animadores/sociais da *Pastoral Diocesana* – Gonzaga era um daqueles jovens, à época – de maneira a encorajá-los para o trabalho com trabalhadores rurais e urbanos em comunidades paupérrimas e longínquas, marcadas pela pobreza, analfabetismo e dominação política que a última parte do livro do qual resultou este artigo aborda, focalizando principalmente as estratégias de Freire quanto às *situações gnosiológicas* no contexto da educação popular. Freire considerou que suas denúncias quanto ao fato de que metade da população brasileira era analfabeta no II Congresso Nacional de Educação de Adultos e Adolescentes, no Rio de Janeiro em 1958, ao representar Pernambuco, repercutindo fortemente, tendo as elites políticas/empresariais/ agrárias/militares do país, tramado o golpe civil-militar com o apoio dos E.U.A, não contentes com o tom reformista do governo Jango, que tinha ao seu lado os movimentos sociais rurais e

urbanos e por isso defendia as reformas de base. Ao defender as políticas públicas que contribuíssem para a melhoria da qualidade de vida da maioria dos brasileiros, colocando em xeque o modelo do nacionalismo/desenvolvimentismo, construído de acordo com a política externa dos E.U.A. para a América Latina, Jango fora deposto e, no pós-golpe imediato, Freire fora alvo de vários IPM's (Inquéritos Policiais Militares), em Recife e no Rio de Janeiro, tendo seus direitos políticos - e o passaporte – cassados, conforme Ana Maria Araújo Freire (2017), Cunha e Góes (2002) e Skidmore (2010). Imerso num universo Kafkiano do processo político que estava a sofrer, tendo ido depor no IPM no Rio de Janeiro em setembro de 1964, depois de ter estado aprisionado por mais de 50 dias em quartéis militares de Recife/Olinda após sistemáticos e duradouros interrogatórios inconclusivos que se repetia com frequência, Freire fora alertado por seu amigo e orientador espiritual católico Tristão de Ataíde, a buscar abrigo na embaixada da Bolívia, pois nas demais embaixadas estavam esgotadas as possibilidades de asilo político e sua prisão seria decretada em 29 de setembro, poucos dias depois, e que ele, Ataíde, negociara pessoalmente com o embaixador. Faltou-lhe o chão: não estava preparado, havia comprado o bilhete de volta para Recife, achava que não seria necessário o exílio... Por fim, adentrou a embaixada somente com a roupa do corpo, deixando tudo no hotel. No dia seguinte, a embaixada amanheceu cercada por tanques do exército. Aos 43 anos, Freire deixou o Brasil em outubro do mesmo ano, depois de quarenta dias na embaixada, rumo a Santa Cruz de La Sierra, acompanhado pessoalmente pelo embaixador, que lhe emitira um salvo-conduto, de lá seguindo para La Paz, onde permaneceu pouco, até chegar ao Chile no início de novembro. (FREIRE1, 2017.).

Para Barros de Barros (1995, p. 93.), a cartografia diz respeito a “desenhos que acompanham e se constituem (...) em movimentos de transformações das paisagens psicossociais (...) e se faz ao mesmo tempo (sic!) que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido - e a formação de outros...”. Ainda para Barros de Barros (1995, p. 93.), “... a subjetividade não se refere a totalizações ou centralizações no indivíduo. O termo, da forma como o utilizarmos, refere-se aos modos de existência fabricados no registro social, não se colando à ideia de indivíduo”. Nesse sentido, a vida/obra de Paulo Freire comporta cartografias pelo vivido, pelo que se registrou em seu corpo vibrátil, e nas pessoas/lugares que por ele foram afetadas, não em lembranças contadas: Freire constitui, propriamente, em sua vida/obra uma “paisagem psicossocial”, para além de sua produção de conhecimento respeitável, ficaram marcados a importância que atribuía aos afetos que estão presentes no ato de aprender/ensinar/construir conhecimento em comunhão. Paulo Freire nasceu e cresceu no Recife, numa família classe média que recebia ajuda financeira de um tio materno até os seus 10 anos de idade quando os reflexos do “crack” da Bolsa de Nova York em 1929 fez a família mudar-se para Jaboatão dos Guararapes, 25 quilômetros do Recife e muitas dificuldades financeiras: o soldo de seu pai, militar aposentado era insuficiente para sustentar a família e sem aquela ajuda, piorara tudo. Vivera então a experiência da fome e da humilhação moral. Freire ajudava com o dinheiro recebido dando aulas de sintaxe da língua portuguesa para os colegas, além das aulas particulares, o que muito lhe valeu: foi como professor que conseguira concluir sua escolarização nas duas etapas anteriores à formação universitária. Depois de estudar os grandes gramáticos da língua no Brasil e em Portugal, passara a dar

aulas para o curso de admissão ao ensino médio. (FREIRE1, 2017.). De aluno bolsista por insistência de sua mãe no renomado Colégio Oswaldo Cruz, no Recife, a professor no mesmo colégio, deu-se tudo rápido: Freire era brilhante professor de sintaxe e o Diretor acreditou nele, construindo juntos fortes laços de amizade e estima recíproca ao longo da vida: Freire ficara 5 anos sem estudar na escola formal, após a morte de seu pai, estudando em casa ou em poucas aulas particulares. Seus contemporâneos já estavam na universidade enquanto ele ainda estava no ensino médio. Quem pretendia trilhar os caminhos da docência em humanidades, no Recife, na segunda metade dos anos 1940, buscava a graduação em Direito: somente no Rio de Janeiro havia formação específica para professor no Brasil! Era costume os advogados irem para a docência como campo de trabalho. Freire inverteu esta equação: nunca lhe faltaram oportunidades de trabalho como professor, coordenador e/ou gestor de projetos educacionais. Sua estabilidade financeira deu-se em 1947, quando passou a trabalhar para o SESI/PE-Serviço Social da Indústria/Pernambuco, que ele considerou uma “escola” no sentido de ajudá-lo a optar pela educação popular. Em igual tempo, já trabalhava como professor na Escola de Serviço Social da Universidade do Recife-UR e, em seguida, na Escola de Belas Artes, na mesma UR, sempre com História e Filosofia da Educação. (FREIRE1, 2017, p.41-98.).

A interculturalidade na educação de adultos em Paulo Freire aponta para uma polissemia de significados históricos distintos, não sendo o caso aqui discuti-los, mas situá-la no contexto muito particular na teoria pós-colonialista do currículo, cuja teorização veio enriquecer o debate educativo e os processos de investigação que se voltam para compreender as relações que se estabelecem no registro social, cotidianamente, coletivamente e subjetivamente – como enxerga a cartografia - realçando os mecanismos de hibridização identitária, ora enfatizando conceitos de discursos, poder-saber, subjetividade, tomando-os como ferramentas de estudos na cultura, sendo que a interculturalidade se tornou uma categoria importante para o processo da educação popular e intercultural nos últimos anos, dado o fluxo e refluxo dos movimentos de população, por exemplo, que obrigaram vários países europeus a questionarem seus currículos monoculturais, desde a diáspora do Leste europeu no início dos anos 1990, por exemplo e, hoje, com o movimento de populares da periferia para os centros do capitalismo, como apreendido por Rosângela Tenório de Carvalho (in Araújo e Oliveira, 2006, p. 11.22.).

As tecnologias de comunicação e informação sempre estiveram presentes nos projetos de Freire, da mais elementar e contextualizada, àquela mais sofisticada, que ele utilizou como elemento de construção/desconstrução de identidades homogêneas, como elemento de incorporação e ressignificação de discursos construídos, presentes nos movimentos sociais de resistência que envergam práticas discursivas favoráveis às experiências interculturais, contra os processos de construção de subjetividades fabricadas pelo *mass media*, do *self* como efeito retórico de valor de imagem, conforme discutido por Peter McLaren em *Pós-modernismo, Pós-colonialismo e Pedagogia*. (in SILVA, 1993, p. 9-40 apud CARVALHO In ARAÚJO E OLIVEIRA, 2006, p. 22.). As contribuições principais de Freire quanto a análise educacional por ele problematizada aborda, principalmente, aspectos mais importantes: saber, poder e sujeito, mas podem identificar

em suas teses convergentes com uma educação pós-colonialista, sua ênfase na afirmação que reforça o que segue:

(...) multiculturalidade como fenômeno que implica a convivência num mesmo espaço de diferentes culturas não é algo natural e espontâneo. É uma criação histórica que implica decisão, vontade política, mobilização, organização de cada grupocultural com vistas a fins comuns. Que demanda, portanto, uma certa prática educativa coerente com esses objetivos. Que demanda uma nova ética fundada no respeito às diferenças. (FREIRE, 1998, p. 157.).

Já em *Educação como prática de liberdade* (FREIRE, 1982), numa de suas primeiras obras, Freire trabalha a inter-relação homem/mulher, natureza e cultura, considerando-os seres de relações, colocando em perspectiva que:

(...) as relações que o homem trava no mundo com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas, incorpóreas) apresentam características que as distinguem dos puros contatos, típicos da esfera animal. Verifica-se, portanto, que o homem adquire o sentido de: Ser no mundo e com o mundo. (...) Como criador e recriador que, através do trabalho, vai alterando a realidade(FREIRE, 1982, p. 50.).

No sentido apenas referido para Freire, o homem/a mulher como seres de relações não se reduzem a uma só dimensão das que participa (a natural e a cultural), pois podem ser eminentementeinterferidores, assumindo no mundo posturas de não passividade, em nada remetendo-os a posições de simples espectadores. Para ele, o homem é ontologicamente impelido a desenvolver, considerando os limites de seu contexto histórico, infinitas possibilidades materiais, indispensáveis à própria existência, cabendo somente a ele, em sua relação com o mundo, transcender, “criando, recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo aos seus desafios, lançando-se num domínio que lhe é exclusivo da história e da cultura.”(FREIRE, 1982, p. 50.). Em Freire, a cultura importa essencialmente para a compreensão da relação do homem no tempo, historicidade e suas ações sobre a natureza: o homem é um produtor de cultura e construtor de sua própria história, não sendo uma ilha, ao vivenciar experiências, trocas de saberes, atribuindo novos significados a sua vida. Sendo a cultura uma construção social, a participação coletiva adquire contornos fundamentais na relação entre seres humanos, quando se constroem laços de solidariedade, de sociabilidade, de amizade, produzindo cultura. (IBIDEM).

A ideia de uma obra – em-progressoemPauloFreire, educador-político, atravessa grandemente toda sua escrita e reflexão, derivando daí as atualizações que vão se instituindo como vazões, inundando-se e impregnando-se de novos sentidos e significados em novas leituras, releituras. Não à toa, em sua obra *Pedagogia da esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido* apenas citada, Freire teceu uma reflexão nesse reencontro com sua obra seminal, três décadas depois, reafirmando que ela se constituiu nos elementos básicos de sua prática. A importância da interculturalidade nele, se pode constatar em sua vasta produção em parcerias com colaboradores nacionais/estrangeiros, que somam um pouco mais de vinte. Considerando que toda paisagem educativa, sendo psicossocial, difere de outras, cada universo temático abordado por ele - em diferentes épocas - expressam sempre uma configuração concreta de seus valores, ideias, concepções, expectativas, esperanças, e, no entender dele, “... permitindo que pessoas de diferentes partes do Brasil (e do

Mundo, grifo meu) recriassem, reinventassem e adaptassem algumas de suas ideias às novas circunstâncias do país, colocando-as em prática.” (FREIRE, 2002, p.49.). A prática da cartografia na investigação de processos de produção de subjetividade revela que as cartografias não se dão sobre, mas em, na, sempre a partir de uma busca incessante por pistas, vazões e passagens em quaisquer dos fazeres do humano, necessitando que o pesquisador-cartógrafo abra mão de suas “certezas” pré-estabelecidas no modelo consagrado do método científico, enquadrado tanto na lógica quantitativista, quanto na lógica subjetivista, além do mix que se faz entre elas, o quanti-quali e o quali-quanti, que se demonstraram, ao final – no mais das vezes – a partir de “...um debate metodológico que tradicionalmente se organiza prioritariamente a partir da oposição entre métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa” (IDEM, p. 8.). Tais impasses metodológicos observados por um e outro modelo de pesquisa, mostram-se preocupados na utilização de scripts preexistentes, como testes, questionários padronizados, softwares, “...que dão a tranquilizadora imagem de sofisticação e exatidão científica...” (IBIDEM, p. 8.), mas, em fundo, demonstram ainda insuficiente que a distinção entre o quali-quantitativo(s), embora cabível e pertinente, ainda demonstra-se insuficiente. “os processos de produção da realidade se expressam de múltiplas maneiras, cabendo a inclusão de dados quantitativos e qualitativos. Pesquisas quantitativas e qualitativas podem constituir práticas cartográficas, desde que se proponham ao acompanhamento de processos”. (IBIDEM, p.8.).

Passos, Kastrup e Escóssia (2012) ratificam que depois das distinções entre os métodos quanti-qualitativos “... restam em aberto impasses relativos à adequação entre a natureza do problema investigado e as exigências do método. A questão é como investigar processos sem deixá-los escapar por entre os dedos”. (IBIDEM, p.8.). Tal compreensão da cartografia explicita que a elaboração do método da cartografia não deve partir da formulação de “regras ou protocolos” prévios, revelando que esta é uma prática ainda comumente presente nas inquietações nossas e de muitos de nossos colegas, na educação, saúde, cognição, clínica, grupos e instituições, dentre outros campos de produção de conhecimento, que encontram dificuldades em dar cabo do “item consagrado ao método”. (PASSOS, KASTRUP E ESCÓSSIA, 2012, p. 8-9.). Definir o chamado processo de coleta de dados na pesquisa em ciências humanas implica muitas vezes em dificuldades, quase sempre “salvas” ou “contornadas” pelo apelo a dois modelos consagrados de pesquisa nas humanidades, sendo estes a observação participante e as entrevistas semiestruturadas, oriundos da prática etnográfica no modelo clássico da antropologia e da historiografia dos Annales, que, no Brasil, tornar-se quase que hegemonicamente como modelos de pesquisa validados e, portanto, majoritariamente utilizados, cristalizados nessa chancela, até pouco tempo, no quadrante da perspectiva positivista-quantitativista. Tais modelos para a coleta dos ditos dados primários no campo da pesquisa, embora convenientes, de certa maneira reforçam a importação do “vocabulário característico”, importado da já referida pesquisa etnográfica e da nova história, além da pesquisa qualitativa produzida pela psicologia e nas ciências humanas em geral, que acabam por referendar, “um modelo genérico e distante” de se constituir satisfatório como método de investigação, “que esteja em sintonia com o caráter processual da investigação”. (IBIDEM, p. 9.). A priori, todo um conjunto de reflexões produzidas sobre a prática da pesquisa como cartografias no Brasil tem como marco inicial o

ano de 1982, quando Suely Rolnik agencia a vinda de Félix Guattari ao Brasil e juntos produzem, numa espécie de diário de bordo, nos anos finais do período ditatorial, um exercício cartográfico documentando linhas de composição da experiência macro e micropolítica brasileira, enunciando ao mesmo tempo, o fim da ditadura e o começo da redemocratização no Brasil na obra *Micropolítica – cartografias do desejo* (GUATTARI E ROLNIK, 2010.), na qual questões como os movimentos gay, negro, feminista, da reforma psiquiátrica brasileira, das mídias alternativas, o insurgimento do partido dos trabalhadores, enfim, traçaram um mapa a partir das andanças que fizeram numa espécie de périplo por diferentes universidades, cidades e regiões do Brasil, apontando novas indicações sobre nosso país, novas formas de olhá-lo, observá-lo, o que resultou em enunciações que queriam dizer menos “o que o Brasil era”, mas falar a partir dele, desse lugar, sugerindo mais “o que estava em vias de ser”, dando pistas de como acompanhar a movimentação desses processos minoritários, nessa nossa sociedade mapeada como um campo de interesses em que o molar se sobrepõem ao molecular, evidenciando que as minorias, obviamente, eram/são maioria, considerando o contexto geopolítico à época/hoje. (IBIDEM).

Suely Rolnik em 1980 já havia em *Transformações contemporâneas do desejo – Cartografia Sentimental*, feito um registro de seu trabalho iniciado nos anos 1970 em torno da micropolítica, ou seja,

“... das questões que envolvem processos de subjetivação em sua relação com o político, o social e o cultural, através dos quais se configuram os contornos de um processo contínuo da realidade em seu movimento contínuo de criação coletiva”. (ROLNIK, 2007, p. 11.).

Ao refletir sobre este tipo de indagação que se impôs a ela, no seu dizer, Rolnik, desde ali, explicitou sua escolha “... pela necessidade de enfrentar a difícil elaboração conceitual e existencial da dimensão micropolítica, bem como sua articulação com a macropolítica, nos embates entre as forças que permeiam a produção da realidade”. (IDEM, p. 11.). Para Rolnik (2007, p.11.), isso foi resultante da dificuldade em compreender o modo de subjetivação, “... que herdamos da modernidade, portadora da tradição utópica que tantos estragos já causaram. O empreendimento tornava-se indispensável pelo desejo de superar os resquícios desta herança que ainda hoje nos estrutura e que nos faz alucinar paraísos e perder os pés nos processos reais”. (IBIDEM, p. 11.). Passos, Kastrup e Escóssia (2012, p. 11-12) reconhecem que o trabalho de Suely Rolnik junto a Peter Pelbart e Luiz Orlandi foi seminal para que o Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de estudos Pós-Graduados em Psicologia da PUC/SP tenha grande importância no processo de formulação e do direcionamento que o método cartográfico tomou no Brasil.

Por fim, nesse entendimento, reflete-se sobre os seguintes questionamentos: O que é cartografar? O que é e como empreender cartografias com um educador-político em sua educação popular espalhada pelo Brasil mundo, embebida de brasilidade? Este seria o mote, no lugar da pergunta de partida, para um empreender cartografias na vida/obra Paulo Freire. O “caos original” quando do início de uma investigação não constitui motivo de inquietação que deva permanecer: é cabível, apenas, como a marca dos espíritos que não se

contentam com “simplificações” ou “certezas definitivas”. Sair desse caos inicial sem demorar demasiado e em nosso proveito é ganhar tempo para, depois, não ter que “pegar o touro à unha”, nos quarenta e cinco minutos do segundo tempo. Construir/descobrir/criar passagens e pistas é o que deve ser feito no empreender cartografias. Devemos evitar a gula livresca e estatística para evitarmos os precipícios de “encher a cabeça”: a ambição desmedida gera a mais completa confusão. (QUIVY E CAMPENHOUDT, 1998, p. 20-21.). A cartografia, como já refletida em 1989 por Suely Rolnik, a partir de suas experimentações e estudos com Félix Guattari (ROLNIK, 2007.), não carece de pano de fundo, do “panopticum”, mas precisa da legitimidade do pesquisador em não desejar decalcar as realidades de suas paisagens: as realidades não se prestam a serem plasmadas. Também Para Kastrup (KASTRUP in PASSOS, KASTRUP E ESCÓSSIA, 2012, p. 32.), a cartografia visa acompanhar um processo, ao contrário de representar um objeto. Para Kastrup, de maneira resumida, “trata-se sempre de investigar um processo de produção”, no caso, de subjetividade, não buscando um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. “A cartografia é sempre ad hoc. Todavia, sua construção caso a caso não impede que se procurem estabelecer algumas pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência do cartógrafo”. (IDEM, p. 32.).

Na compreensão dos autores apenas citados, a constatação de que a metodologia tradicional se impõe a partir de palavras de ordem aparece necessariamente na etimologia da palavra *metá-hodos* (método), onde a pesquisa está definida como um caminho (*hodos*) a ser percorrido e com objetivo pré-estabelecidos pelas metas estabelecidas já na partida. Na cartografia, observa-se uma transformação no método, operando uma reversão metodológica na qual se transforma o *metá-hodos* em *hodos-metá*, configurando uma aposta na experimentação do pensamento num método assumido como atitude e não para ser explicado, mas para ser experimentação. Dessa maneira, a cartografia não abre mão do rigor: ele aparece ressignificado, no sentido de que a precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade e, ao mesmo tempo, como intervenção. (IBIDEM, 2012, P. 10-11.). As experiências com as cartografias na pesquisa em ciências humanas no Brasil observam importantes laboratórios nos quais tais práticas foram se instituindo na paisagem de nosso variado território acadêmico, a saber, Conforme Passos, Kastrup e Escóssia (2012), para além do grupo de trabalho pioneiro liderado por Suely Rolnik na PUC/SP, que ela vem empreendendo desde os anos 1970, em torno da micropolítica (ROLNIK, 2007.). No Sul do Brasil, com Tânia Mara Galli Fonseca, na UFRGS, organizadora com Patrícia Gomes Kirst de *Cartografias e devires – A construção do presente* (2003), onde o empenho em redesenhar conceitos tais quais o olhar, o corpo, a rede, a ontologia do presente, a utopia, a função política do tédio e da alegria, a cartografia como agenciamento de conceitos-afetos, conhecimento e cartografia, novos coletivos sociais, trabalho e contemporaneidade, os materiais de autoria, inventos para uma outra psicologia social, tempo e espaços, metáforas e sonhos, a cidade subjetiva, do método e da arte de fazer pesquisa, a cartografia-intervenção, a instituição e sua borda, corpo-sentido, desvelamento de histórias de vida, entre outras temáticas, estão abordados ali (FONSECA e KIRST, 2003.), no sumário; em Campinas/SP, na no Departamento de Medicina preventiva da UNICAMP, Sérgio Carvalho e o grupo conexões têm produzido a ampliação do debate cartográfico ao tratarem

das práticas de atenção e gestão de saúde; outros cartógrafos estenderam esta aposta metodológica no campo da saúde pública, como é o caso da Universidade Federal de Sergipe, no Nordeste, onde o Departamento de Psicologia trabalha com a cartografia como alternativa importante para acompanhar o movimento da reforma sanitária brasileira e as lutas macro e micropolíticas para produção a produção de políticas públicas no Brasil; na Universidade Federal Fluminense e na universidade federal do Rio de Janeiro, o grupo de pesquisa *Cognição e subjetividade* assumiu a cartografia como problema metodológico, a partir dos impasses surgidos/experimentados no campo dos estudos da cognição, desde 1995/1996, com o projeto de pesquisa *A noção de subjetividade e a superação do modelo de representação*, quando colocaram em questão o pressuposto de que conhecer é representar ou reconhecer a realidade. (PASSOS, KASTRUP E ESCÓSSIA, 2012, p. 12-13.). Da parte do investigador que deseja empreender cartografias na vida obra de Paulo Freire nesse projeto de investigação, o “deparar-se” com o contexto da cartografia como metodologia de pesquisa se deu no Mestrado em Pesquisa em Educação, na Universidade Federal do Espírito Santo (2000-2004), na linha de pesquisa *Contextos Psicossociais do Trabalho Educativo*, orientado por Maria Elizabeth Barros de Barros, na parceria estabelecida entre os programas de pós-graduação de educação e psicologia da referida instituição, que também se constitui um espaço da universidade brasileira no qual a cartografia como metodologia de pesquisa foi se instituindo, a partir do trabalho da professora apenas referida, também um nome respeitável e reconhecido neste contexto, com larga produção a partir de suas orientações na pós-graduação no mestrado/doutorado em educação/psicologia – e de sua larga produção particular e coletivizada.

Também entre o segundo semestre de 2005 e o primeiro semestre de 2007, estudando na *Università degli Studi di Padova-UNPD* (Universidade de Estudos de Pádua, Itália) no “Master (equivalente ao mestrado acadêmico no Brasil) *Pedagogo Nel’ambito Sociale, Penale e di Prevenzione della Devianza* (Pedagogo no âmbito social, penal e de prevenção do desvio social, esta última definição categorizando aquilo que no Brasil se convencionou chamar de delinquência, expressão considerada depreciativa no vocabulário italiano). Na Faculdade de Ciências da Educação da UNPD, foi possível vivenciar experimentações em diferentes campos de conhecimento – das Ciências da educação à história, filosofia, sociologia, psicologia, artes, arqueologia e à *Mediação Cultural*, insurgente à época, sendo a metodologia de estágios (foram diversos) muito relacionados ao que se denomina aqui no Brasil como cartografias.

Tal experiência resultou no artigo apresentado na *V Biennalesulladidattica universitaria – Quale competenza e cultura per La formazione degli insegnanti?* (2004), com o título: *Cartografia della Formazione dei Professori nella Città di Petrolina (Regione Nord-Orientale del Brasile)*, traduzindo para o português: “Quinta Bienal sobre a didática universitária – qual é a competência e a cultura dos professores hoje? A formação inicial e contínua dos professores”, apresentado em dezembro de 2004, na UNPD e publicado nos anais, em 2006, intitulado *Sfide alla professione docente – corporeità, disabilita, convivenza* (MARTINI, Emanuela Toffano (a cura di), *Pensa Multimedia: Lecce, Italia, 2006.*), traduzindo em português: *Desafios a profissão docente – corporeidade, deficiência(s),*

convivência; a tradução do título do artigo é “Cartografia da formação de professores na cidade de Petrolina, Região Nordeste do Brasil”. O termo cartografia está diretamente ligado à produção de mapeamentos como acompanhamentos de processos e isto diz respeito originalmente ao conceito oriundo da geografia, quando esta era confundida apenas com “fazer mapas”, antes dela se confirmar como discurso cultural universal na transição do século XIX para o XX. (MARTINELLI, 2003, p. 7.). Nesse entendimento, o grande avanço da cartografia na geografia se deu na Europa, no bojo do renascimento cultural e científico nos séculos XV e XVI, época na qual se instaura as primeiras relações capitalistas, com a intensificação do comércio entre o oriente e o ocidente e suas exigências para o desenvolvimento da navegação. (MARTINELLI, 2003, p. 7-13.). Posto isto, pode-se considerar a cartografia temática como sendo um dos principais pontos de referimento para o desenho dessa nova configuração para as cartografias social e cognitiva, posto que em sua invenção e criatividade, criou, originalmente, caminhos, pontes e passagens para os desejos de conhecer o mundo, incluindo embutido nisto aqueles de dominação, controle, saberes e poderes. O ato de cartografar é próprio do humano: nos inícios de sua existência, o homem deixou gravado em pedra ou argila, pintou em peles de animais e paredes de cavernas, em pedras ou, ainda, armou em estruturas diversas seu lugar no mundo, em seu ambiente e suas atividades. Desde o processo de hominização, isso não somente representava a prática de suas relações espaciais em distintos espaços – terra, mar – como também explicitava o conteúdo das relações sociais e de sua comunidade. (MARTINELLI, 2003, p.7.).

Ainda conforme Martinelli (2003), quanto aos “mapas”, classicamente falando, a finalidade mais marcante deles, desde o início, remete sempre a ideia de estarem voltados à prática e a serviço da dominação, do poder: registrando, sempre, o que mais interessava a uma minoria, o que acabou por estimular o aperfeiçoamento deles, da apreensão do espaço à elaboração de estruturas abstratas para sua representação da vida em sociedade e dos homens. “Os mapas, em qualquer cultura, sempre foram, são e serão formas de saber socialmente construído; portanto, uma forma manipulada de saber”. (MARTINELLI, 2003, p.8.). Ao inventar/criar pistas e passagens nos agenciamentos de sua práxis pedagógico-filosófica e epistemológica, embutida numa diversidade de paisagens educativas que co-criou, sistematizou e demarcou, sempre perspectivando a compreensão da realidade e do hoje, do presente, Paulo Freire protagonizou e contracenou em suas jornadas pedagógicas pelo mundo (e pelo Brasil) durante o exílio e, principalmente, pode observar e refletir sobre sua práxis, como denota parte substancial de sua obra escrita, mantendo-se coerente como educador-político, tendo muito claramente deixado definido, desde os começos de sua opção pelo caminho da educação popular, suas posições políticas.

Com efeito, o propósito de empreender cartografias em Paulo Freire, educador-político, encontra-se situado no desejo de ampliar as concepções teóricas dele, muito características da prática coletiva da pesquisa/produção de conhecimentos, reconhecendo a coletividade e difundindo e refundindo tais experimentações, com muita organização, materiais, usos de novas tecnologias e das artes e da valorização do que ele chamou de dialogicidade, da diferença, das identidades culturais em rede, da expectativa e da construção para a superação da condição de oprimido-em-nós e também de opressor-em-nós. Sobre esta especificidade em Freire no trato

sobre seu discurso, um pequeno excerto como breve ilustração de seu apego ao trabalho sobre a construção do conhecimento como sendo próprio do coletivo, como no excerto a seguir:

O que quero dizer é que o discurso sobre o enunciado que, ao desvelá-lo, destrinça ou esmiúça a sua significação mais íntima, expressa ou explicita a compreensão do mundo, a opção política, a posição pedagógica, a inteligência da vida na cidade, o sonho em torno desta vida, tudo isso grávido de preferências políticas, éticas, estéticas, urbanísticas e ecológicas de quem o faz. Não há possibilidade de um discurso só sobre os diferentes aspectos do tema. Um discurso que agrade, em termos absolutos, a gregos e troianos. Em verdade, este não é um tema neutro cuja inteligência e cujas consequências práticas sejam comuns a todos que dele fale. (FREIRE, 2007, P.21-22.).

Nesta sua obra originalmente publicada em 1997, *Política e educação* (FREIRE, 2007), Paulo Freire afirma que a reflexão político-pedagógica é como se fosse uma nota musical que atravessa parte substancial de sua obra e sublinha no texto de apresentação que ele, naquele momento, encontrava-se “criticamente satisfeito” com sua opção política, “... em integração com minha prática pedagógica, pelo não-dogmatismo, posição serena e firme e em permanente estado de busca, aberto à mudança, na medida mesma em que, desde os começos, “deixou de estar demasiado certo de suas certezas”. (FREIRE, 2007, P. 13.). A obra apenas referida engloba textos produzidos e discutidos em reuniões realizadas pelo Brasil/mundo, coincidentes com o seu tempo de retorno do exílio ao Brasil, constituindo uma de suas últimas publicações em vida. Nela, expressões tais quais perambular, curiosidade, achados, ser mais, corpo consciente, vida, possibilidade, radicalidade, entre outras, encontram-se grifadas por ele para chamar atenção para o sentido que carregam as palavras e o peso da importância que ele as atribuía como sentidos e significações, podendo-se perceber aproximações dele com termos do fazer cartográfico.

Percebe-se na leitura e investigação em Paulo Freire, nítidos elementos, tanto da pesquisa cartográfica quanto características do pesquisador-cartógrafo-em-nós, neste caso, nele, tal como em sua maneira de tomar uma paisagem para estudo, em reflexão e prática, nunca descrevendo-a ou querendo dizer o que ela é, mas falando a partir dela, daquela (des)territorialidade que o deixava curioso e nas quais aparições e desaparecimentos iam-se instituindo, com as possibilidades de transformação do desejo entrelaçada no ato educativo, cujos personagens principais eram os educandos, por ele também considerados educadores dos seus professores. É essa prática pedagógica Freireana impregnada em cada experiência de um cabedal de situações de aprendizagem gnosiológicas - relacionada em suas experiências profissionais antes e depois do exílio, que permanecem contemporâneas, o que provoca as “atualizações” em Freire. Coerentemente - com um pé no mundo e o outro (re)vivendo e (re)aprendendo o Brasil, ao mesmo tempo numa crescente solicitação de sua presença física em muitos lugares do planeta pela pesquisa e pela comunidade científica internacional, tornando-se, ele próprio, uma “Cátedra Paulo Freire” em grandes universidades espalhadas pelo mundo.

**Considerações finais:** Em quaisquer dos territórios em que trabalhou como educador e também em que foi “trabalhado”,

Paulo Freire acabou por engendrar desdobramentos e possibilidades científicas em novas categorias conceituais na educação e noutras áreas do conhecimento – como na saúde, no direito, na economia, na ecologia, por exemplo, dentre outras áreas, as quais tem se desenvolvido e continuam a desenvolver narrativas processuais, não se limitando à pedagogia e à educação. Paulo Freire refletiu e sintetizouem sua obra que os seres humanos não estão determinados e muito menos programados como seres para aprender: fosse assim, não caberia por que, na prática educativa, os professores não apelassem para a capacidade crítica do educando. (FREIRE, 2007.). A capacidade de indignar-se, sempre na defesa de que o verdadeiro ato de conhecer é sempre um ato de engajamento e fundamentalmente um ato político, fez com que Paulo Freire definisse a educação como sendo um encontro entre homens e mulheres mediados pela palavra, a fim de dar nome ao mundo, como é o caso do sentido de seu neologismo “palavração”, no qual se insere sua famosa e difundida reflexão de que, à leitura da palavra, precede a leitura do mundo, convicto de que a educação só tem sentido como transformação e libertação. Em sua última obra publicada, escrita em 1997 – *Pedagogia da indignação – cartas pedagógicas e outros escritos*, (2000), Freire mantém-se inovador, como de costume, mesclando denúncias e reflexões, reverberando considerações quanto ao direito e dever de mudar o mundo, falando do “espírito do livro”, do assassinato do índio Pataxó Galdino dos Santos, de alfabetização e miséria, dos novos desafios ante a reestruturação tecnológica, de televisão, educação, esperança, denúncia, anúncio, profecia, utopia, sonho, revelando-se, mais uma vez, visionário.

No momento atual em que o Brasil passa pela política da despolitização acrítica, com a assunção de um governo de direita matizado pelo fascismo e pela demonização e satanização de Paulo Freire e sua vida/obra, assim como da escola, da educação, da universidade, da docência, da pesquisa científica, dos docentes, dos pesquisadores e do senso crítico, no sentido político-ideológico de uma caça às bruxas, é que se faz necessário reavivar Paulo Freire, para que sua “presença” seja ampliada no Brasil que, ao longo da existência de Freire, somente em duas situações foi tomado como referência de política pública em educação: a primeira, quando do Plano Nacional de Alfabetização, em 1964, do qual foi coordenador junto ao Ministério da educação no governo de João Goulart em 1964 e, a segunda, quando foi Secretário de educação do município de Pão Paulo (1989-1991). É sabido por todos que muito da educação e da pedagogia crítica no Brasil se deu a partir das leituras que se fez de Paulo Freire no contextos das humanidades, na universidade brasileira, na educação básica e fundamental, assim como em iniciativas coletivas de educação públicas e privadas, além de sua larga importância para a organização do meio popular e dos movimentos sociais resistentes.

## REFERÊNCIAS

- \_\_\_\_\_. *Ação cultural para a liberdade*. 11 ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Educação e atualidade brasileira*. 3 ed. – São Paulo : Cortez Editora, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Educação e mudança*. 31 ed.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Educação e política*. 3 ed. – Rio de Janeiro/São Paulo : Paz e Terra, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Extensão ou comunicação?* 12 ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática docente*. 56 ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 23 ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 66 ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- Barros De Barros, Maria Elizabeth. 1995. Procurando outros paradigmas para a educação. In: *Caderno de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo*. - V. I. N. II (dez. 1995) – Vitória: UFES/PPGE.
- Carvalho, Rosângela Tenório de. 2006. Alfabetização de Jovens e Adultos e interculturalidade. In: *Aprimorando-se com Paulo Freire em natureza e cultura*. Orgs: Patrícia Cristina de Aragão Araújo e Iolanda Carvalho de Oliveira. Recife: Bagaço.
- Cunha, Luiz Antônio e GÓES, Moacyr. 2002. *O golpe na educação*. 11 ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Deleuze, Gilles e Guattari, 1995. Félix. *Mil platôs, capitalismo e esquizofrenia* – vol. 1. São Paulo: Ed. 34.
- Fonseca, 2003. Tania Mara Galli e KIRST, Patrícia Gomes (orgs). *Cartografias e devires, a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Freire, 1980. Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3 ed. - São Paulo : Moraes, 1980.
- Freire1, Ana Maria Araújo Freire. *Paulo Freire: uma história de vida*. 2 ed. – Rio de janeiro/São Paulo : Paz e Terra, 2017.
- Gadotti, Moacir, Freire, 2008. Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia: diálogo e conflito*. 8 ed. – São Paulo : Cortez.
- Guattari, Félix e Rolnik, Suely. *Micropolítica – Cartografias do desejo*. 10 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- Lima, Maria Nayde dos Santos e ROSAS, Argentina (orgs.). *Paulo Freire: quando as ideias e os afetos se cruzam*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.
- Martinelli, Marcello. *Mapas de geografia e cartografia temática*. São Paulo : Contexto, 2003.
- Martini, Emanuela Toffano (a cura di). *Sfide ala professione docente – corporeità, disabilita, convivenza. Atti dela V Biennale Sulla Didattica Universitaria*. Lecce (Italia): Pensa multimedia, 2006.
- Mclaren, Peter. Pós-modernismo, Pós-colonialismo e Pedagogia. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Teoria Educacional crítica em tempos pós-modernos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 9-40, 1993.
- Oliveira, Iolanda Carvalho de e ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão (orgs.). *Leitura Freireana: relação natureza e cultura*. In: *Aprimorando-se com Paulo Freire em natureza e cultura*. Recife: : Bagaço, 2006.
- Passos, Eduardo, Kastrup, Virgínia, e Escóssia, Liliana da (orgs). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- Rolnik, Suely. 2007. *Transformações contemporâneas do desejo - Cartografia sentimental*. Porto Alegre: Sulina.
- Souza, Ricardo Timm de. *O Brasil filosófico*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- Vico, 2008. Giambattista. *Ciência Nova*. São Paulo: Ícone.